

“O CARATER E A FORMA DE ORGANIZAÇÃO DOS TRABALHADORES EM TERESINA DE 1900 a 1938” - Ana Maria Bezerra do Nascimento – Mestranda -UFPI/Professora de Sociologia/UESPI.

As reflexões que abordo neste trabalho é o resultado da pesquisa realizada sobre a presença do operariado Teresinense no início do século. Como em muitos lugares do Brasil e do Mundo, aqui surgem entidades proletárias e lutas decorrentes das condições de vida da população trabalhadora.

Valendo-se de fontes bibliográficas produzidas pelo movimento operário brasileiro¹ e fontes primárias locais como jornais, atas das entidades proletárias existentes, documentos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatístico (IBGE) e do Ministério do Trabalho (Mtb) – até então não utilizada, e que especificavam a situação dos trabalhadores em Teresina, no referido período, apontou elementos importantes dos sujeitos envolvidos, da cidade e do contexto da época.

Isto posto, a pesquisa se debruçou sobre a documentação escrita na tentativa de identificar através das informações produzidas no período pela imprensa operária e outros jornais existentes, uma história não-oficial das manifestações, do seu caráter de luta e sua expressão de reivindicação.

Mergulhando no passado, selecionamos os dados de modo a permitir um movimento de reconstrução das experiências e práticas já vivenciadas, visando descreve-las e data-las a partir de suas características históricas, sociais e políticas, procurando identificar significados e representações que orientam seus principais agentes e protagonistas.

Essas experiências são parte da história do movimento operário brasileiro. Assim ao retomar essa história, é uma tarefa que segundo Seixas (2000,p, 192) designa como “uma reconstrução engajada do passado” trazendo a tona à periferia, os marginalizados, os grupos sociais que apreendem o mundo e reconstrói sua identidade, seu reconhecimento.

Este reconhecimento para a classe trabalhadora sempre foi identificar nos heróis da história oficial, seus grandes personagens como sujeitos de sua experiência. Os componentes desta história sempre se encontram na representação que Ginzburg (2000, p.167) designa como uma verdadeira ofensiva cultural à burguesia, que se apropria do grande saber, indiciário e não-indiciário, e que encontra na história, uma atitude neutra, e a memória como parte desta trajetória, esteve engajada nesta perspectiva, de que o passado estaria no âmbito dos aspectos cristalizados da história.

Se a história não é neutra, a memória também não é, reconstituir, repensar imagens, idéias, experiências, possibilita retomar noções de conteúdos e práticas vivências por grupos que através desses – sinais, indícios – permitem decifra-los (ibid, p.177).

Foi com essas preocupações que a pesquisa fez com que, voltar ao passado, recuperasse uma história que estar por se escrever e desvendar.

Assim para dá vazão à curiosidade intelectual de dar “Vez e Voz” aos excluídos da história, como diria Michelle Perrot (2000), muitas foram às dificuldades encontradas na pesquisa.

A primeira refere-se a escassez de material produzido sobre a realidade local, o material disponível estuda os processos mais gerais da presença da classe trabalhadora no Brasil e no Mundo atentando para aspectos históricos organizativos do operariado brasileiro (ora ressaltando os aspectos do trabalho fabril, ora o sindical).

A segunda dificuldade esta relacionada às fontes documentais em si, principalmente escrita, pois rastrear estas informações pertinentes à história da periferia, dos marginalizados, que sofreu ciclos de perseguição em diferentes momentos da nossa história, e que resultou em perda ou destruição – parcial ou total – do material que ficou a salvo e que estão nos arquivos e nas entidades, nos fornecem os dados que possibilitam desvendar as facetas de uma história rica e extensa.

Mesmo assim a investigação persistiu quanto ao manuseio das fontes escritas – jornais da imprensa operária e oficial, textos, documentos e atas das entidades proletárias ainda existentes. Assim os dados que utilizei foram de dois tipos: a) fontes escritas do movimento operário: imprensa operária, textos, documentos e atas das entidades proletárias ainda existentes e arquivo particular; b) fontes escritas sobre o movimento: teses, livros, artigos, textos de historiadores, cientistas sociais produzidas em instituições universitárias, centro de pesquisas e organizações não-governamentais.²

Diante do material recolhido, o primeiro de maio aparece como a possibilidade de (re) contar essa história. Vamos a ela.

No início da história esta Teresina palco das manifestações.

De 1900 a 1938, Teresina era uma pequena cidade com algumas ruas, poucas casas comerciais, mercados, armazéns. As residências ainda muito distantes das lojas e das margens dos rios Parnaíba e muito tempo depois o Poty, se apresentavam edificadas de alvenaria, a maioria casebre de palha em contaste com residências suntuosas localizadas nas principais ruas do centro ou próxima do rio Parnaíba, que pela importância econômica do porto fluvial aglomerava um cinturão comercial que ganhou apogeu com cera de carnaúbal e outros produtos que garantia a permanente circulação de capital e trabalho na cidade. Neste espaço surgem bairros e vilas com características operárias, neste sentido, nasce na década de 20 a Vila Operária, que assumiu traços típicos das vilas edificadas em todo o Brasil e no Mundo.

Compunha principalmente de moradores artífices, sapateiros, funileiros, alfaiates, torneiro, marceneiros, ferreiros e ourives, que trabalhavam em suas oficinas ou em outros estabelecimentos fabris de Teresina, formada por casas simples, germinadas, com uma igreja, praça e o centro social.

De condições urbana precária, a comunicação se resumia a um telegrafo e alguns jornais da imprensa oficial e operária³. Pouco a pouco a cidade foi oferecendo serviços dos mais diversos envolvendo profissionais que se apresentavam como: professores, advogados, médicos, engenheiros, pequenos comerciantes, caixeiros, tipógrafos, pedreiros, sapateiros, funileiros, alfaiates, torneiros, marceneiros, ferreiros e ourives. Agentes que com o seu serviço de fundo de quintal e em pequenos estabelecimentos produziam uma feição para a cidade de comércio intenso.

Com surdo de ora de crescimento, ora de crise, Teresina mesclou atividades ligadas às pequenas fábricas, oficinas, comércio, serviços públicos e serviços diversos, às vezes com predomínio de uma ou outra atividade que se articulava, ou não com os chamados “ciclos econômicos” (algodão, borracha, extrativismo), criam-se diversas entidades e centros proletários.

Acompanhada desses aspectos, identifica-se um discurso anunciado: o de proletários, operários, aclamados no sentido de classe, que Thompson (2001, p. 09-12) entende como ação humana, condicionada por um processo ativo, no sentido do seu próprio fazer-se, “a classe operária deve ser definida pelos trabalhadores como eles vivem suas próprias histórias”, é essa história que há quem suponha ser a história apenas o registro escrito. A história é muito mais que isso, as falas do povo, por exemplo, presentes nos chamados documentos escritos, são fontes históricas das mais preciosas.

Assim é que a história achada nos documentos escritos produzidos pela imprensa operária da época e pelas entidades se difundiu no espaço através do tempo, um tempo que percorre todo um processo de inserção do operariado na realidade local, esses documentos contem elementos essenciais para se compreender os processos constitutivos da organização da sociedade teresinense à época.

São essas falas registradas na imprensa operária da época, e em outros documentos pesquisados, que nos dá um retrato de modo particular das formas e processos de sociabilidade cotidiana e dos movimentos coletivos – de associação, organização, luta e expressão – que foram percebidos pelos dados e que fez com que, ao voltar ao passado, recuperasse uma história que ainda está por se analisar. São essas falas que agora passamos a reconstituir, podem nos oferecer significados e representações que orientaram seus principais agentes e protagonistas.

Teresina Encantadora: Operários no Primeiro, Rito de Luta e Esperança.

O Jornal “O “Operário”⁴ de 1906, em seu número especial de comemoração do primeiro de maio daquele ano, traz ao lado do nome de Karl Marx, a célebre frase: “Proletários do mundo, uni-vos”, e logo a seguir descreve como foi comemorada aquela data”:

“Teresina, naquele dia, tinha um aspecto encantador, (...) uma expressão alegre e fraternal sorria n’alma do povo. Quatro carros deslumbrantes conduzem as deusas do trabalho, das artes, da república e da justiça. Vinte e uma mocinhas conduzem bandeiras representando os 21 Estados da República. Soberbos flutuavam os ricos estandartes da Aliança Federativa dos Obreiros do Piauí, da Liga Protetora Operária, do Centro Proletário e da Auxiliadora dos Empregados da Fiação⁵. Três bandas de música acompanhavam o prérito: a do Corpo Militar, de Polícia, da Lira Democrática e a Lira Comercial Caxiense”.

No mesmo ano o Jornal “O Borboleta”⁶ de nº 20, o primeiro de maio também é assim relatado,

Hoje que passa esse grande e festejado dia (...) é justo se manifestar jubilosa e entesionados perante está nobre causa. Bem poucos sabem o que passa no coração d’esses homens honestos! Bem poucos! Somente essas almas boas de operários que atravessam vida sem um sorriso nos lábios que possa desfazer as agonias do infortúnio; Sabemos pesar todo esse jubilo imenso, e manifesto à classe operária a nossa alegria (...). Obreiros do Piauí o nosso abraço de união e harmonia e justa.”⁶.

A história do primeiro de maio é sob vários aspectos instigante. Ato político, essa manifestação ilustra o lado voluntário da construção de uma classe – a classe operária, na qual o rito de luta e esperança se inscreve. O princípio é de que sua criação não foi um fato de qualquer momento ou de qualquer maneira, foi precedida segundo Perrot (2000, p.127) por proposições e experiência decorrente da eficácia e limites que há muito tempo tinha sido experimentado pela revolução francesa.

O primeiro de maio carrega projeto, disputa e estratégia, daí exercem-se diferenças nos itinerários dos desfiles, “em seu ritual, ao mesmo tempo rígido e simples, é invadido pelas formas de expressão popular das comunidades locais” (ibid, p.130).

Gerador de controvérsias, ele escapa aos iniciados, dirige-se às autoridades, operários, deserdados, numa perspectiva ampla, mais vaga de transformação. Seus frutos anunciam códigos, percursos, indumentárias, bandeiras, música, homens, mulheres e crianças que seguem o cortejo com a preocupação de reunir na manifestação o sinal de classe. Os manifestantes cantam cantigas patrióticas e republicanas. Uma manifestação de atmosfera descontraída, bastante simples, de um dia de operário feliz, a cerimônia possui amplitude variável mais não menos importante: o esquema se constitui em representação de entidades proletárias, grupos operários, que entregam as autoridades reivindicações sob forma de petição assinados pelas entidades.

Percorre as praças, teatro e ruas da cidade, num percurso bastante linear, indo dos locais de reunião para a sede do governo,

“A iniciativa da Aliança Federativa dos Obreiros do Piauí, em comemorar o dia com civismo, amor à classe. Promovendo um encontro desportivo na casa do operariado de Theresina. Outras atividades também tiveram presença, neste dia com retreta na Praça Rio Branco, sessão magna no Theatro 4 de Setembro com presença de diversas entidades. (...) Oradores enaltecia a gloriosa classe, falavam diversos oradores, grande número de operários esteve presente à festividade. A noite grande massa de operários

sahiu em passeata pelas ruas da cidade, visitando as redações dos jornais e sede de várias entidades”.⁸

Nas ruas, a presença dos manifestantes traz nas falas, o relato da situação operária,

“O operário não é só um homem do trabalho, como também o fundador da política financeira do país. É ele o elemento preponderante do nosso país; Assim digo porque são eles os autores de todas as invenções ed, portanto oferecem o estar coletivo e individual. E não tem direito a nada disso. Se digo isso é porque como operário sei que passamos, muitas vezes sofremos fome (...). Sabeis que esses pobres homens para o futuro vão dominar este belo Brasil, que têm sede, fome, de progresso e de trabalho”.⁹

A “festa” do primeiro de maio transmite a idéia de uma manifestação de comemoração operária do trabalho, da imagem de um mundo operário associado há um dia pacífico, de reconhecimento pelos feitos a causa operária,

“O progresso se manifesta na construção das fábricas, dos cinemas, edifícios públicos, dos arranha céus, o operariado sente por certo ao ver essas obras um grande natural orgulho”.¹⁰

Assim esses traços indicam o lugar, a força do operariado no contexto local que segundo Perrot (2000, p.138) “trata-se de dar á classe operária consciência de si mesma através da realização de gestos idênticos num amplo espaço e de impressionar a opinião pública com tal espetáculo”.

A escolha indica uma data que se repete por ocasião de uma greve, de uma violência com que foi reprimida e conseqüente a punição de suas lideranças em Chicago, vieram a marcar o primeiro de maio no imaginário popular como o dia internacional da luta operária.

Um rito, uma celebração, onde uma vasta gama de símbolos reacendem a luta, a identidade e o reconhecimento de uma classe: core, bandeiras, teatro, música, iconografia, discursos. O primeiro de maio é objeto da memória operária, construída não deixou de ser canal de luta e esperança.

Instigante, a festa é dotada de particularidades. Nesta festa rompe-se a separação entre atores e espectadores do espetáculo, todos os participantes são ao mesmo tempo, protagonistas e público.

Foi assim que a pesquisa ao identificar uma relativa organização do operariado local, com criação de entidades proletárias e sua repercussão na preparação do primeiro de maio em Teresina, apontou para uma realidade em que a organização deste evento decorre de suas necessidades. A manifestação comunica a novidade, ascendendo uma rede de comunicação em que se imbricam, e se compõem com as entidades operárias e a unidade operária se sobressaia.

De modo geral, essa festa mostra a classe operária na sociedade teresinense e o contexto da sua experiência, no que trata de sua inserção como rito operário carregado de uma simbologia popular que incorporam diferentes significados: o da luta de uma classe, mas também de libertação e esperança.

Resgatar estes aspectos significa um contra-ponto à chamada “história oficial”.

Retomar o passado em função do presente, via espaço dos sujeitos, expressas nos documentos, símbolos, rituais, comemorações, isto remete para a história e a memória, momentos referenciais de um processo mais amplo de formação, em que os trabalhadores se proporcionam como classe, como sujeitos, e que se dá nas práticas cotidianas.

Assim é que existe uma quantidade de documentos – oficiais, ou produzidos pelo movimento operário – que estão em condições de serem analisados. Vale ressaltar que utilizar esses registros, não só nos possibilita a volta ao passado, bem como re (contar) sobre outro olhar a história do ponto de vista dos trabalhadores.

Para a história operária o desafio é (re) significar o papel dessas microdimensões que para Burke (1992, p.135) é uma gama de possíveis respostas que enfatizam a redefinição dos conceitos e uma análise aprofundada dos instrumentos e métodos existentes, resgatar o lugar de uma comunidade, com seus tipos e seus falares típicos decorrentes de um passado, é estabelecer uma conexão entre possibilidades de interpretações e a realidade concreta.

Essas considerações nos organizam para definir, sugerir, sobre o que deve ser guardado, preservado, recolhido, selecionado como importante para a (nossa) história.

É certo que esta escolha está marcada pela visão do que é importante e que merece ser guardado. Ainda assim, qualquer que seja a opção, estaremos registrando, a partir de nossa escolha, a história que fazemos. Não se trata de uma interpretação verdadeira ou absoluta, e sim que é uma interpretação possível.

¹ Consultar: Leôncio Basbaum História Sincera da República. 5. ed., São Paulo.1981; Hardeman Foot & Victr Leonardi. História do trabalho e da Industria no Brasil.São Paulo: Ática, 1982; Edgar Carone. Movimento Operário no Brasil (1844-1944). São Paulo: Difel, 1984.

² A partir da década de 70 entidades não – governamentais como o Centro de Documentação e Estudos Contemporâneos – CEDOC; Centro de Educação Popular do Instituto Sadis Sapientae – CEPIS; e da Igreja como a Ação Católica Operária entre outros, elaboraram cartilhas para os cursos de formação sindical e popular com a participação de dirigentes e base, como suporte de material para as reflexões sobre a trajetória da classe operária no Brasil e no mundo reconstituindo a trajetória desde os anarco-sindicalista, socialistas e comunistas, destacando principalmente a concepção e estrutura sindical. Esse material ainda é utilizado pela Central Única dos Trabalhadores – CUT.

³ Foram pesquisados os seguintes jornais: O Operário (1906); O Artífice (1920; 1936); O Denunciante (1925); O Tempo (1935); O Estado (1902; 1903; 1925; 1929; 1930 órgão do Partido Republicano Conservador); O Piauí (1916; 1925; 1930); O Norte (1935).

⁴ O Jornal fundado em 04 de março de 1906, denominado de literário e noticioso, era ligado à Aliança Federativa dos Obreiros do Piauí – fundada em 1905. Seus redatores eram Jonathan Baptista e M. Saraiva de Lemos.

⁵ Foram criadas no mesmo período: Harmonya Theresinense (1903); Centro Proletário (1904); Auxiliadora dos Empregados da Fiação (1905); União Popular (1910); Associação dos Empregados no Comércio (provavelmente de 1920).

⁶ Como os demais jornais da época, noticioso, literário e independente. Tinha ligações com trabalhadores artífice ligado a Escola de Aprendizes e Artífice do Estado do Piauí, que oferecia aprendizado industrial, letras e artes.

⁸ Jornal “O Artífice” p.1, nº1, 1920.

⁹ Idem, 1920.

¹⁰ Jornal “O Piauí” 1º de maio de 1930, nº 02, redator Joel de Oliveira.

Referências Bibliográficas

BURKE, Peter (org.).Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In **A Escrita da História: Novas Perspectivas**. 4.reimp.São Paulo: UNESP, 1992.

GINZBURG, Carlo. Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. In **Mitos, Emblemas e Sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

NASCIMENTO, Ana Maria Bezerra do. **O Caráter e a Forma de Organização dos Trabalhadores em Teresina de 1900 a 1938**. Teresina: CNPq,1993 (mimeo).

PERROT, Michelle. O primeiro de na França (1890): nascimento de um rito operário. In **Os Excluídos da História: Operários, Mulheres, Prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

THOMPSON,E.P. A Formação da Classe Operária Inglesa. 2.ep. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001 (vol. I).